REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

EPISTEMOLOGIAS DA AVALIAÇÃO: BUSCA POR UM SABER AVALIATIVO

EPISTEMOLOGIES OF EVALUATION: A SEARCH FOR EVALUATIVE KNOWLEDGE

EPISTEMOLOGÍAS DE LA EVALUACIÓN: BÚSQUEDA DE UN SABER EVALUATIVO

Marcos Antonio Martins Lima

Pós-Doutor em Gestão e Doutor em Educação/Avaliação. Professor Titular na Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil

E-mail: marcoslimaiag@gmail.com e marcosliima@ufc.br

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar criticamente a multiplicidade de epistemologias que fundamentam o campo da Avaliação educacional, institucional, de programas e de políticas públicas, compreendendo-a como um saber específico, historicamente constituído e epistemologicamente plural. Parte-se do pressuposto de que a Avaliação não se reduz a um procedimento tecnicista e instrumental, mas configura-se como um ato humano valorativo, científico e político, atravessado por diferentes concepções de conhecimento, ciência, método e realidade. Metodologicamente, desenvolve-se uma pesquisa bibliográfica e documental de natureza qualitativa, articulando contribuições clássicas e contemporâneas da epistemologia e da Filosofia da ciência. Explora-se a estratégia metodológica quadripolar em seus polos epistemológico, teórico, morfológico e técnico. A análise percorre a trajetória histórica do método, desde a Grécia Clássica até a contemporaneidade, destacando a epistemologia bachelardiana e a multiplicidade de saberes. O estudo culmina em uma análise comparativa de diversas correntes epistemológicas, explicitando suas implicações para a prática avaliativa. Os resultados esperados apontam para a necessidade de superar visões reducionistas, instrumentais ou monolíticas da Avaliação, reconhecendo-a como um campo tensionado por disputas epistemológicas, no qual coexistem racionalidades e experimentalidades diversas. Conclui-se que a constituição de um saber avaliativo e a consolidação de uma epistemologia específica da Avaliação exigem vigilância epistemológica constante, abertura à complexidade e articulação crítica entre diferentes perspectivas epistemológicas para dar conta da realidade institucional e educacional imprecisa e dinâmica.

Palavras-chave: Epistemologias da Avaliação; Metodologia Quadripolar; Saber Avaliativo; Avaliação Educacional; Avaliação Institucional.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

Abstract

This article aims to critically analyze the multiplicity of epistemologies that underpin the field of educational, institutional, program, and public policy evaluation, understanding it as a specific form of knowledge that is historically constituted and epistemologically plural. It is based on the assumption that evaluation cannot be reduced to a technicist and instrumental procedure; rather, it is configured as a human act of valuation that is scientific and political in nature, permeated by different conceptions of knowledge, science, method, and reality. Methodologically, the study adopts a qualitative bibliographic and documentary research approach, articulating classical and contemporary contributions from epistemology and the philosophy of science. The quadripolar methodological strategy is explored through its epistemological, theoretical, morphological, and technical poles. The analysis traces the historical trajectory of method from Classical Greece to contemporaneity, highlighting Bachelardian epistemology and the plurality of forms of knowledge. The study culminates in a comparative analysis of diverse epistemological currents, making explicit their implications for evaluative practice. The expected results point to the need to overcome reductionist, instrumental, or monolithic views of evaluation, recognizing it as a field marked by epistemological disputes in which diverse rationalities and experimentalities coexist. It is concluded that the constitution of evaluative knowledge and the consolidation of a specific epistemology of evaluation require constant epistemological vigilance, openness to complexity, and critical articulation among different epistemological perspectives in order to address the imprecise and dynamic nature of institutional and educational reality.

Keywords: Epistemologies of Evaluation; Quadripolar Methodology; Evaluative Knowledge; Educational Evaluation; Institutional Evaluation.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar críticamente la multiplicidad de epistemologías que fundamentan el campo de la Evaluación educativa, institucional, de programas y de políticas públicas, comprendiéndola como un saber específico, históricamente constituido y epistemológicamente plural. Se parte del supuesto de que la Evaluación no se reduce a un procedimiento tecnicista e instrumental, sino que se configura como un acto humano valorativo, científico y político, atravesado por diferentes concepciones de conocimiento, ciencia, método y realidad. Metodológicamente, se desarrolla una investigación bibliográfica y documental de naturaleza cualitativa, articulando contribuciones clásicas y contemporáneas de la epistemología y de la Filosofía de la ciencia. Se explora la estrategia metodológica cuadripolar en sus polos epistemológico, teórico, morfológico y técnico. El análisis recorre la trayectoria histórica del método, desde la Grecia Clásica hasta la contemporaneidad, destacando la epistemología bachelardiana y la multiplicidad de saberes. El estudio culmina en un análisis comparativo de diversas corrientes epistemológicas, explicitando sus implicaciones para la práctica evaluativa. Los resultados

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

esperados apuntan a la necesidad de superar visiones reduccionistas, instrumentales o monolíticas de la Evaluación, reconociéndola como un campo tensionado por disputas epistemológicas, en el cual coexisten racionalidades y experimentalidades diversas. Se concluye que la constitución de un saber evaluativo y la consolidación de una epistemología específica de la Evaluación exigen una vigilancia epistemológica constante, apertura a la complejidad y una articulación crítica entre diferentes perspectivas epistemológicas para dar cuenta de la realidad institucional y educativa imprecisa y dinámica.

Palabras clave: Epistemologías de la Evaluación; Metodología Cuadripolar; Saber Evaluativo; Evaluación Educativa; Evaluación Institucional.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A Avaliação consolidou-se, nas últimas décadas, como um campo estratégico no âmbito da educação, da gestão institucional, dos programas sociais e das políticas públicas. Tal centralidade, contudo, não foi acompanhada, na mesma proporção, por um aprofundamento epistemológico que dê conta da complexidade do ato avaliativo. Frequentemente, a Avaliação é tratada como sinônimo de mensuração, técnica de controle, procedimento administrativo ou aplicação de instrumentos, o que resulta em abordagens instrumentalistas e epistemologicamente inconsistentes.

Nesse contexto, justifica-se a necessidade de investigar as epistemologias que sustentam os diferentes modos de conceber, praticar e legitimar a Avaliação. Compreender a Avaliação como um saber implica reconhecê-la como construção histórica, econômica, social e científica, atravessada por disputas teóricas, metodológicas, axiológicas e políticas. Tal compreensão é particularmente relevante no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, onde se exige rigor filosófico, conceitual, densidade teórica e capacidade crítica na produção do conhecimento.

O objetivo geral deste artigo é analisar como a multiplicidade de epistemologias se manifesta no campo da Avaliação, contribuindo para a constituição de um saber avaliativo crítico, múltiplo e epistemologicamente fundamentado. Como objetivos específicos, busca-se: (i) discutir os fundamentos conceituais de epistemologia, metodologia e tecnologia no contexto da Avaliação; (ii) reconstruir a trajetória histórica do método científico até a epistemologia

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

contemporânea; e (iii) situar a Avaliação como um saber específico em meio a diferentes modos de conhecimento.

A questão norteadora que orienta o estudo é: como tratar a multiplicidade de epistemologias no campo da Avaliação em diferentes modos e estratégias de aplicação? Metodologicamente, o artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica e documental, com análise crítica de obras clássicas e contemporâneas da Epistemologia, da Filosofia da ciência e da Avaliação institucional e educacional (Scriven, 1991; Vianna, 2000).

Os principais resultados esperados consistem na explicitação das bases epistemológicas que sustentam distintas concepções de Avaliação e na defesa de uma abordagem não reducionista, capaz de articular racionalidade, experiência, contexto, sentido e valor.

1 FUNDAMENTOS SOBRE EPISTEMOLOGIAS, METODOLOGIAS E TECNOLOGIAS

A compreensão das epistemologias da Avaliação exige, inicialmente, o esclarecimento conceitual de categorias fundamentais que estruturam o fazer científico: epistemologia, metodologia, método e tecnologia. Tais conceitos, frequentemente utilizados de forma imprecisa ou intercambiável, possuem estatutos distintos e desempenham funções específicas na produção do conhecimento em Avaliação institucional e educacional.

A Epistemologia, enquanto ramo da Filosofia, ocupa-se do estudo crítico da origem, da validade, dos limites e das condições de possibilidade do conhecimento (Lima, 2008). Não se trata apenas de uma reflexão abstrata sobre a ciência, mas de uma instância de vigilância que interroga os pressupostos, os fundamentos e as implicações das práticas científicas. No campo da Avaliação, a Epistemologia questiona como se conhece, o que se considera válido como evidência, quais critérios legitimam julgamentos de valor e quais concepções de sujeito e objeto orientam o ato e o pensamento avaliativo (Patton, 2005).

A diversidade de epistemologias começa com a Epistemologia Ocidental e a Oriental, sob perspectivas diferentes, contextos sociais e culturais distintos. O

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

pensador africano tem uma apresentação diferente do pensador grego clássico, conforme a Figura 1, a seguir

Figura 1 – Símbolo dos Pensadores do Oriente (África) e do Ocidente (Grécia)



Fonte: Coração Africano (2014) e *Escultura Famosa en Mármol del Pensador de Rodin* (2026).

As metodologias, por sua vez, referem-se aos estudos dos métodos, compreendidos como caminhos racionais e sistemáticos orientados para a produção do conhecimento.

Aqui o método se constitui no percurso efetivo da investigação, articulando problematização, construção conceitual, modelagem e confronto com a realidade empírica e o campo ou locus de Avaliação. No seu sentido técnico e científico, o método passa a ser um caminho teleológico, orientado por objetivos e sustentado por pressupostos teóricos.

A partir da complexidade e da diversidade de métodos, a metodologia deixa de ser um estudo apenas instrumental, não se reduz à escolha de técnicas, mas envolve diagnósticos, decisões teóricas, epistemológicas e axiológicas. No caso da Avaliação, optar por uma metodologia implica assumir determinada concepção de realidade, de conhecimento e de finalidade avaliativa.

Para os estudos sobre as epistemologias da Avaliação, a metodologia não deve ser confundida com o simples estudo de métodos. Aplica-se também como sendo o procedimento processual para a apropriação do conhecimento. Nesta perspectiva, a proposta da Estratégia Metodológica Quadripolar de De Bruyne,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

Herman e Schoutheete (1977) apresenta-se como uma resposta ao rigor científico, organizando a pesquisa em 4 (quatro) polos integrados:

O polo epistemológico exerce a função de vigilância crítica, determinando as regras de produção do conhecimento e a ruptura com o senso comum, traduz a discussão necessária para a compreensão do objeto em análise.

Para De Bruyne, Herman e Schoutheete (1977), a Epistemologia deve submeter-se a noção de ciência a um estudo aprofundado. Apropriar-se das reflexões que proporcionam novos olhares a fim de gerar novas proposições sobre os conhecimentos teóricos gerados.

O polo teórico é o guia na elaboração de conceitos, hipóteses e modelos de referência. Constitui-se como segmento atrelado ao embasamento teórico-conceitual para a fundamentação necessária ao rigor científico. Nessa construção, a teoria possibilita remodelações sobre o objeto em análise condizente com o contexto e a realidade vivenciada pelo pesquisador (De Bruyne, Herman e Schoutheete, 1977).

Conforme Lima (2008), o polo teórico subsidia a elaboração de hipóteses e a construção dos conceitos. É o campo da formulação, das proposições sistemáticas acerca do objeto em aprofundamento, oferecendo embasamento conceitual para o pesquisador e direcionamento para as inquietações geradas a fim de proporcionar novos saberes diante da ruptura promovida pela ação do conhecimento.

O polo morfológico é a instância que dita as regras de estruturação do objeto, impondo-lhe uma forma ou modelo. A morfologia é o momento que se anunciam as regras de estruturação e de formulação do objeto científico, assim, impõe-lhe certa ordem entre seus elementos. Permite, desta maneira, colocar um espaço onde se constroem os objetos científicos, seja como modelos/cópias, seja como simulacro de problemas reais (De Bruyne, Herman e Schoutheete, 1977).

Conforme Lima (2008), a efetividade de processos norteia o conjunto de ações e operações concretas da realidade com vistas ao produto final dessa ação, combinando esse esforço investigativo aos métodos e rigor estabelecidos para essa construção. Todavia, essa construção estabelece uma articulação lógica, no sentido de apropriar-se de tais proposições.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

O polo técnico ocupa-se da coleta e confronto dos dados com a teoria, transformando informações em dados pertinentes. Controla a coleta de dados, esforça-se por constatá-los para poder confrontá-los com a teoria que os suscitou no polo teórico. Exige precisão na constatação, mas sozinho não garante a sua exatidão. A tecnia é o espaço de investigação e reflexão acerca das variáveis tornam-se essências para observar o contexto e a realidade (De Bruyne, Herman e Schoutheete, 1977).

A tecnologia, por sua vez, diz respeito ao conjunto de técnicas, instrumentos e procedimentos operacionais utilizados na coleta, no tratamento e na análise das informações. Embora indispensável, a tecnologia não garante, por si só, rigor científico ou validade epistemológica.

As tecnologias referem-se ao emprego de artefatos e ferramentas segundo protocolos previstos. Contudo, no campo da Avaliação contemporânea, o dinamismo da tecnologia e a transformação digital do Capitalismo hodierno, submete-se ao emprego de técnicas inovadoras como o *design thinking*, nas quais ferramentas como o *Business model canvas* e o *Project model canvas* são adaptadas para o planejamento de pesquisas em Avaliação como o *Research model canvas* (Lima; Joana Darc, 2024).

No campo da Avaliação, a confusão entre esses níveis tem produzido práticas tecnicistas, nas quais instrumentos ou julgamentos são aplicados sem reflexão epistemológica, com métodos são fetichizados e levando a decisões de valor são naturalizadas. Superar tais reducionismos requer recolocar a epistemologia no centro da reflexão avaliativa, reconhecendo que toda avaliação é, antes de tudo, um ato de conhecimento e de perspectivação, sendo as metodologias e tecnologias essenciais para essa reflexão epistemológica.

2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO MÉTODO ATÉ A EPISTEMOLOGIA CONTEMPORÂNEA

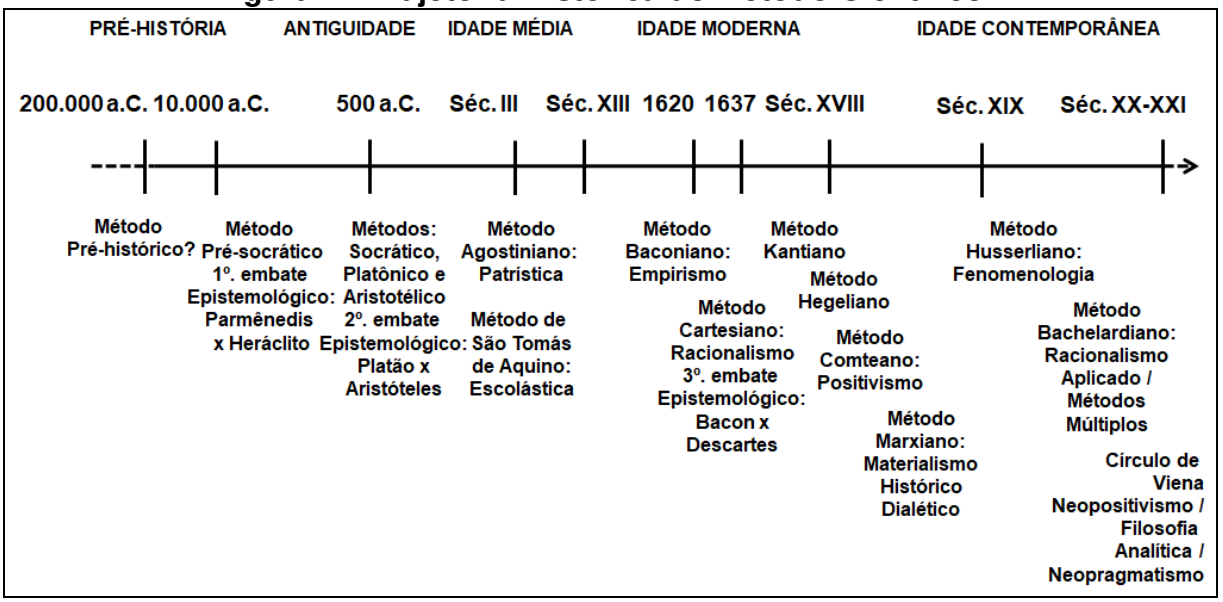
A constituição das epistemologias contemporâneas da Avaliação está intrinsecamente relacionada à trajetória histórica do método científico. Desde os primórdios da humanidade, diferentes formas de conhecer foram sendo elaboradas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

para dar sentido à realidade, orientar a ação e garantir a sobrevivência (Figura 2, a seguir).

Figura 2 - Trajetória Histórica do Método Científico



Fonte: Do autor (2026).

2.1 O Método na Pré-histórica e na Grécia Clássica

Na pré-história, a Avaliação servia aos propósitos de sobrevivência, promoção e controle, baseando-se em exames qualitativos de usos e costumes nos primórdios do *socius* humano.

Com os pré-socráticos, surgiu o primeiro embate epistemológico entre o método da impossibilidade em Parmênides (530-450 a.C.), focado na imutabilidade do ser, e o método do movimento em Heráclito (540-470 a.C.), focado na transformação e devir).

O confronto epistemológico entre Heráclito de Éfeso e Parmênides de Eléia inaugura uma tensão fundante entre devir e ser, mudança e permanência, multiplicidade e identidade, que atravessará toda a História da Epistemologia.

Na Grécia clássica, inaugura-se o pensamento filosófico e uma Avaliação mais sistemática, marcado pela busca racional das causas e dos princípios. Com a tríade socrática consolidam-se diferentes concepções de método na Grécia clássica.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

Em Sócrates (470-399 a.C. aprox.), a sabedoria nasce de dentro para fora, pois o homem tem o conhecimento consigo e o externa por meio de diálogos, discussões e de reflexões. A maiêutica é o método que se utiliza de um processo de questionamentos que faz o pensador interagir com os seus interlocutores em uma avaliação dialógica ao modo socrático.

O pensamento de Platão (426-348 a.C.) procurou ser uma síntese, uma reformulação e uma conciliação para o embate pré-socrático entre Parmênides e Heráclito. Neste contexto, recuperou o método parmenidiano por meio da formulação da existência de dois mundos. O mundo das ideias, que é um mundo eterno e que produz tudo o que acontece e o mundo dos sentidos ou dos homens que é um mundo em transformação (Lima, 2008).

Aristóteles (384-322 a.C.), apesar das objeções e do embate contra Platão, foi seu discípulo e nutriu-se das ideias de um "platonismo parmenídico". Em Aristóteles, as ideias de eterno e imutável, ser e não ser são unificadas e articuladas do ponto de vista cosmológico e ontológico. No pensamento grego a questão do método foi mais bem sistematizada por Aristóteles, que buscou aplicar procedimentos para se realizar uma investigação. Em Platão e Sócrates, também existem perguntas metodológicas, mas foi com Aristóteles que este sentido de organização do método se concretizou pela primeira vez (Lima, 2008).

2.2 A Idade Média e os Métodos Patrístico e Escolástico

Na Idade Média, o método articula fé e razão a partir de Santo Agostinho ou Aurélio Agostinho, bispo de Hipona (354-430) e São Tomás de Aquino (1225-1274) sob o critério da ideia social cristã.

O processo histórico ofereceu, no alto Medievo, uma situação propícia à consolidação do método patrístico formulado a partir de uma sociedade explicada por uma concepção teleológica da história com um início e um final predeterminados.

Segundo Lima (2008, p. 75),

> no projeto agostiniano, o estudo deve estar voltado para as escrituras e para os mistérios divinos e não com foco na natureza; porém o homem também estava interessado em uma tecnologia que permitisse melhores condições de vida e de produção agrícola. Esse sistema escolástico

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

convive em um conflito entre o pensamento e as ideias da Igreja e a realidade do sistema feudal, levando a uma crise neste modelo filosófico. O estudo da natureza também passa a ser importante, pois a natureza também é uma criação de Deus. Essa concepção divide a Escolástica em mais de uma corrente filosófica.

Dessa divisão surge o método escolástico que estabelece, com São Tomás de Aquino, a superioridade da fé sobre a razão e da teologia sobre a ciência. Contudo, legou um avanço fundamental: a leitura ou análise imanente, um raciocínio encadeado que busca o que o texto realmente contém, reduzindo a subjetividade do leitor. A Avaliação era teleológica, voltada para os desígnios divinos, embora a razão e a ciência possam oferecer o conhecimento indireto da verdade.

2.3 A Modernidade e a Revolução Científica e Técnica

A Idade Moderna dos Séculos XVI ao XVIII rompeu com a escolástica por meio de um novo embate epistemológico. O racionalismo de Renè Descartes (1596-1650) e o empirismo de Francis Bacon (1561-1626).

O método de Descartes (1977), como método dedutivo e analítico, parte da decomposição lógica do objeto em suas partes integrantes para depois compreendê-lo de forma integral. Isso representa uma ruptura epistemológica com o método medieval e escolástico, pois o conhecimento vem somente da razão e descarta toda e qualquer autoridade.

O empirismo de Bacon (1997) encarna o espírito positivo e prático do pensamento anglo-saxão e, observando a ciência dos seus dias, vê Galileu Galilei (1564-1642) resgatar Arquimedes (200 a.C.) e o método experimental. Assim, na Filosofia baconiana, o método consiste na observação da natureza e a experiência começa a partir das sensações que dão os dados da realidade.

A partir da Era Moderna o termo avaliação passa a ser mais empregado no cotidiano de um modo de produção capitalista em consolidação em registros escritos como jornais, peças jurídicas e livros. Neste contexto, o discurso científico moderno no campo da Educação, a Avaliação irá incorporar termos como tecnologia da educação, *design,* currículo, objetivos e Avaliação institucional e da

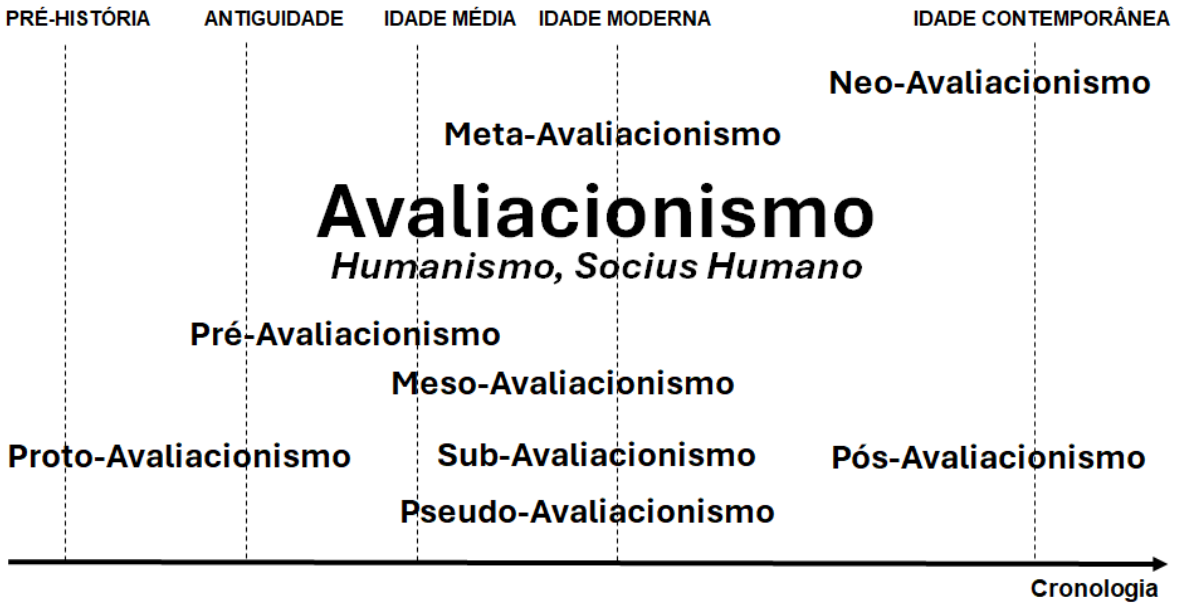
REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

aprendizagem. Também em outros campos como a Engenharia, Saúde, Administração, Economia, Sociologia, Psicologia, Segurança, Políticas públicas etc., a Avaliação torna-se uma tecnociência do controle.

Nas artérias do controle e nas veias da avaliação está o poder, que lhe dá dinâmica e movimento. Esse poder dá vida a avaliação e aos seus propósitos a partir da Modernidade.

Figura 3 – Cronologia do Avaliacionismo



Fonte: Do autor (2026).

A Figura 3 anterior, apresenta uma tipologia histórico-epistemológica do Avaliacionismo, organizada de modo cronológico, conceitual e relacional, tomando o Avaliacionismo moderno como eixo estruturante e critério de inteligibilidade dos momentos anteriores e posteriores.

As descrições, a seguir e no Quadro 1, articulam contexto histórico, regime epistemológico, forma de racionalidade e uso social da Avaliação.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

Quadro 1 - Tipologia Histórico-Epistemológica do Avaliacionismo

Tipo	Conceito	Caracterização Epistemológica
Proto-Avaliacionismo (Pré-história)	Estágio embrionário e pré-reflexivo da avaliação, marcado por juízos pragmáticos, instintivos e intuitivos voltados à sobrevivência e à adaptação à natureza.	Ausência de método e sistematização; avaliação incorporada à ação prática imediata, baseada na experiência sensível, na repetição e na funcionalidade, sem consciência teórica do ato avaliativo.
Pré-Avaliacionismo (Antiguidade)	Momento de racionalização filosófica da avaliação, vinculada à ética, à política, à lógica e à metafísica das civilizações antigas.	Avaliação de natureza axiológica, normativa e teleológica, fundamentada em concepções de verdade, bem e justiça, sem autonomia metodológica nem separação entre juízo valorativo e ordem cosmológica ou moral.
Meso-Avaliacionismo (Idade Média e transição à Modernidade)	Fase de mediação histórico-epistemológica em que a avaliação se subordina à racionalidade teológica, escolástica e jurídica.	Predominância de critérios dogmáticos e hierárquicos, sustentados por sistemas de autoridade; presença de procedimentos classificatórios e normativos, ainda sem método científico empírico-experimental.
Avaliacionismo (Era Moderna)	Consolidação da avaliação como prática científica sistemática, orientada pelo método científico moderno.	Fundado no racionalismo, empirismo, objetividade e mensuração com a adoção dos termos sujeito avaliador e objeto avaliado. Uso de critérios explícitos, instrumentos padronizados e comparabilidade, articulado ao Estado moderno, à burguesia, à ciência e à administração racional.
Sub-Avaliacionismo (Modernidade instrumental)	Redução da avaliação a prática técnica subordinada, funcional e operacional.	Empobrecimento epistemológico do Avaliacionismo, com predomínio do tecnicismo, da eficiência instrumental e da aplicação acrítica de métodos avaliativos em provimento aos interesses do poder vigente.
Pseudo-Avaliacionismo (Modernidade distorcida pelo poder)	Uso aparente e ideológico da avaliação para legitimar decisões de poder previamente estabelecidas.	Simulação de rigor científico sem validade nem ética; distorção dos princípios avaliativos, convertendo a avaliação em mecanismo de controle, normalização e dominação simbólica também em provimento aos interesses do poder vigente.
Meta-Avaliacionismo (Auge do Avaliacionismo moderno)	Etapa reflexiva em que a avaliação torna-se objeto de avaliação, consolidando teorias da mensuração e padrões de qualidade.	Centralidade da pantometria moderna, da validade, confiabilidade e precisão; afirmação da avaliação como campo científico autônomo e autorreferenciado.
Neo-Avaliacionismo (Contemporaneidade)	Ampliação paradigmática do Avaliacionismo, incorporando abordagens qualitativas, participativas e contextuais.	Superação parcial do reducionismo mensurativo, com reconhecimento da complexidade, da subjetividade, dos processos e dos usos sociais da avaliação.
Pós-Avaliacionismo (Século XXI ...)	Movimento crítico que questiona os fundamentos epistemológicos, ontológicos e ético-políticos do Avaliacionismo.	Busca por epistemologias plurais e ontologias do valor e da vida; problematização da centralidade da medida e da representação, do controle e da normatividade moderna, com foco em justiça cognitiva, complexidade e diferença.

Fonte: Do autor (2026).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

A pantometria moderna (Lima, 2010 In: Lima; Marinelli, 2010) leva à obsessão pela medida de tudo, herdada da física mecânica, que reduziu a Avaliação à quantificação e ao controle do objeto e do sujeito.

A modernidade marca uma ruptura decisiva com a emergência do racionalismo cartesiano e do empirismo baconiano. O confronto entre razão e experiência estrutura o pensamento científico moderno e influencia profundamente as ciências humanas e sociais, bem como as ciências da Avaliação.

2.4 A Era Contemporânea e a Diversidade de Perspectivas

No Século XVIII um empreendimento de unificação para o método moderno foi realizado por Immanuel Kant (1724-1804) direcionando os seus esforços, não em uma teoria específica do conhecimento propriamente dita, mas em uma nova crítica do conhecimento, verificando os meios, as possibilidades e os limites para a sua concretização (Lima, 2008).

> Para Kant, o conhecimento só acontece pela conjugação das suas duas fontes: a sensibilidade e o entendimento. O conhecimento somente é possível pela integração destas duas fontes. Na primeira fonte, o objeto nos é dado pela sensação, pois o conhecimento se dá com a existência de coisas para se conhecer e acontece com o contato com estas coisas pela intuição. Na segunda fonte, o objeto é pensado. Com esta distinção entre intuição (sensibilidade) e conceito (entendimento), Kant isola o primeiro do segundo, e, no campo da sensibilidade, separa a forma do objeto, encontrando duas maneiras de intuição sensível: tempo e espaço. Estas formas, decorrentes das fontes descritas e isoladas, são as condições para todo e qualquer conhecimento.
> Assim, o conhecimento é obtido, pelo sujeito, ao construir o objeto do seu estudo. Essa construção ocorre no campo dos fenômenos, ou seja, algo que aparece para a consciência a partir de dados empíricos obtidos no tempo e no espaço; logo não é possível conhecer o real na sua essência, a "coisa em si" mesma, o *noûmenon* ou número, pois este é incognoscível, ou seja, não é dado pela intuição sensível. (Lima, 2008, p. 89).

Com Kant os sonhos avaliativos do racionalismo e do empirismo são domados. Implanta-se um "cadeado ou trava na avaliação", pois no contexto da sua ética, o conceito de imperativo categórico serve como uma restrição absoluta e inegociável às ações humanas e atinge em cheio a Avaliação e a torna possível

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

somente quando possa ser universalizada, racionalizada e aceita pela maioria como virtude.

No Século XIX, Auguste Comte (1798-1857) propõe uma nova tentativa de unificação do método científico, defendendo a objetividade, a neutralidade e a mensuração com a introdução do positivismo e que vai repercutir na Era Contemporânea e doravante em sua fixação do método nas ciências humanas e sociais a partir do método das ciências exatas e naturais.

Ainda neste mesmo século, Karl Marx (1818-1883), mesmo não deixando o estudo do método de modo sistematizado em suas obras, considera que o método não é critério de verdade e certeza absoluta, mas é uma pressuposição (Lima, 2006). Marx pode ser, em certa medida, descendente da tradição filosófica alemã pós-kantiana, incluído aí o idealismo clássico alemão que chega até Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), mas o subverte em seus fundamentos, pois rejeitam várias das suas noções, como “espírito” e “verdade objetiva”.

A partir do Século XX, as epistemologias tornaram-se plurais, marcadas pela fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), pelo racionalismo crítico de Karl Raimund Popper (1902-1994), pela linguagem na Filosofia com o Círculo de Viena e Ludwig Josef Johann Wittgenstein (1889-1951), pelo estruturalismo a partir de Ferdinand de Saussure (1857-1913) e Claude Lévi-Strauss (1908-2009), e pelo pragmatismo de Charles Sanders Peirce (1839-1914), William James (1842-1910) e John Dewey (1859-1952), dentre outros movimentos em curso na Filosofia e que abordam a Avaliação em múltiplas perspectivas a partir de distintas gerações. (Guba; Lincoln, 1989).

As 5 (cinco) gerações da Avaliação, a partir do campo da Educação, permeiam essa trajetória do método científico e podem ser assim resumidas, conforme Lima Filho e Trompieri Filho (2013): mensuração (medidas e quantidades); descrição (objetivos e qualidades); julgamento (juízo de valor e tomada de decisão); negociação (pacto ou acordo das partes: avaliadores e avaliados sobre critérios quantitativos e qualitativos, decisões e apreciações); e Avaliação social (processo estratégico, participativo, atividade política, interesse coletivo).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

Assim, a partir do Século XX, o paradigma (Kuhn, 1998) é ora questionado e ora continuado, porém sob múltiplas correntes: a fenomenologia, o existencialismo, a hermenêutica, o estruturalismo, entre outras. Destaca-se, nesse contexto, a contribuição de Gaston Bachelard (1884-1962), cuja Epistemologia contemporânea e histórica introduz conceitos fundamentais como ruptura epistemológica, obstáculo epistemológico e vigilância epistemológica.

Para Bachelard (1985; 1996), como um dos precursores do estruturalismo epistemológico, o conhecimento científico não avança por acumulação, mas por descontinuidades, exigindo permanente crítica aos saberes anteriores.

> Em termos metodológicos, o estruturalismo da primeira metade do séc. XX, contemporâneo de um Bachelard ainda desconhecido, nasce e atua nas ciências humanas a fim de aplicar métodos específicos para o estudo dos seus objetos analíticos e contrariando o mecanicismo e o evolucionismo até então predominantes. As estruturas formam totalidades, sendo que o todo assume uma dinâmica diferenciada da simples operação somatória de suas partes componentes. O todo passa a ter uma norma orientadora e organizadora, dotado, portanto, de um sentido próprio, e o modo como cada estrutura se organiza e se relaciona com as demais define a estrutura geral de seu conjunto, ou seja, o seu sistema que pode assim ser compreendido e explicado sob preceitos científicos. (Lima, 2008, p. 112).

O campo epistemológico contemporâneo da época de Bachelard (1985; 1996) caracteriza-se pela crítica aos modelos unitários e normativos de ciência que marcaram a modernidade clássica. A crença em um método único, universal e neutro foi progressivamente substituída pelo reconhecimento da pluralidade de racionalidades, da historicidade do conhecimento e da influência de fatores sociais, culturais e axiológicos na produção científica.

Esse deslocamento tem implicações diretas para a Avaliação, cuja complexidade não pode ser apreendida por um único paradigma epistemológico. (Kuhn, 1998).

As epistemologias contemporâneas emergem, em grande medida, como resposta às limitações do positivismo e do empirismo lógico e o conhecimento passa a ser entendido como construção histórica e socialmente situada, mediada pela linguagem, pela cultura e pelo poder.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

No âmbito das ciências humanas e sociais, esse movimento implica reconhecer que os fenômenos investigados são dotados de sentido, perspectivas, intencionalidade e historicidade. A avaliação, enquanto prática social e institucional, não apenas descreve realidades, mas as interpreta, as classifica e as transforma. Assim, toda prática avaliativa está ancorada em pressupostos epistemológicos, ainda que estes permaneçam implícitos ou naturalizados.

É nesse contexto que a Epistemologia histórica de Bachelard (1985; 1996) assume relevância singular. Ao romper com a ideia de continuidade linear do conhecimento científico, Bachelard (1985; 1996) afirma que o progresso da ciência ocorre por meio de rupturas epistemológicas. O conhecimento científico constrói-se contra o conhecimento imediato, contra o senso comum e contra os próprios hábitos intelectuais do pesquisador e do avaliador.

A contemporaneidade exige o que Bachelard denomina “Racionalismo aplicado”. Diferente do racionalismo clássico, este integra a razão com a experiência, permitindo que a ciência seja uma construção constante.

Dentre as diversas categoriais bachelardianas que podem ser aplicadas nos estudos da Avaliação, destaca-se aqui o obstáculo epistemológico e a vigilância epistemológica.

O conceito de obstáculo epistemológico (Bachelard, 1985; 1996) é central nessa perspectiva. Trata-se de entraves internos ao próprio processo de conhecer, resultantes de generalizações precipitadas, imagens primeiras, crenças arraigadas e fetichizações conceituais. No campo da Avaliação, esses obstáculos manifestam-se na naturalização de indicadores, na crença na neutralidade técnica, na redução da avaliação à mensuração e na confusão entre dados empíricos e juízos de valor.

A vigilância epistemológica (Bachelard, 1985; 1996), por sua vez, refere-se à exigência permanente de crítica e autocrítica. Conhecer é um processo de retificação contínua, no qual o erro não é um acidente, mas um momento constitutivo da produção científica. Para a avaliação, essa concepção é particularmente fecunda, pois reforça a provisoriedade dos julgamentos avaliativos e a necessidade de revisão constante dos critérios e métodos utilizados.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

Ao articular a Epistemologia histórica de Bachelard (1985; 1996) com as demais epistemologias contemporâneas, torna-se possível sustentar uma concepção de avaliação que reconhece a pluralidade epistemológica sem abdicar do rigor científico, do erro e das incertezas. Essa articulação permite superar tanto o dogmatismo positivista quanto o relativismo absoluto, oferecendo bases sólidas para a análise das epistemologias da Avaliação.

No entanto, para se consolidar essas epistemologias da Avaliação, torna-se relevante consolidar o conceito de um saber puramente avaliativo.

3 DIFERENTES TIPOS DE SABERES E A EMERGÊNCIA DO SABER AVALIATIVO

A reflexão epistemológica sobre a Avaliação exige, como condição preliminar, o reconhecimento de que o conhecimento humano não se constitui de forma homogênea nem se esgota nos modelos científicos moderno e contemporâneo.

Ao longo da História, distintas modalidades de saber foram produzidas em resposta às necessidades práticas, simbólicas, políticas e cognitivas das sociedades humanas. Cada uma dessas formas de conhecimento opera segundo lógicas próprias, critérios específicos de validade e modos singulares de legitimação social. Situar a Avaliação nesse panorama implica compreendê-la não como simples aplicação técnica, mas como um saber relacional, construído na intersecção de múltiplas racionalidades e constituída em seus contextos social, econômico e político específico.

Mas o que são saberes? Saberes são diferentes tipos de crenças que podem ser exercidos em diversos campos de conhecimento sob múltiplas perspectivas epistêmicas.

Sendo a Epistemologia constituída de diversos saberes ou modos de conhecimento, pode-se considerar que os saberes compreendem os seguintes tipos: saber estético, saber científico, saber técnico, saber filosófico, saber teológico ou mitológico, saber populético ou habituético, e saber político.

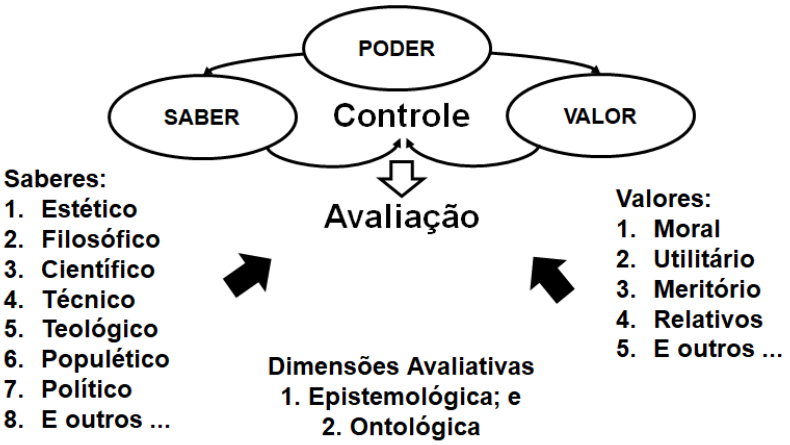
REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

Para a Epistemologia da Avaliação, saberes e valores precisam ser integrados em uma perspectiva pós-avaliacionismo, embora ainda baseada na Filosofia da representação, que é um pressuposto deste artigo.

Nesta perspectiva a Epistemologia da Avaliação desenvolve-se pelos distintos saberes, mas ainda atrelada ao pressuposto de atribuição, determinação ou apreciação de valores (moral, utilitário, meritório, relativo, etc.) que se integram a estes saberes, conforme a Figura 4, a seguir.

Figura 4 – Avaliação: Poder: Saber e Valor



Fonte: Do autor (2026).

A construção do saber avaliativo exige a compreensão de que a realidade humana é multifacetada e composta por diferentes modos de conhecimento da realidade:

O saber estético vincula-se à experiência sensível, à criatividade, à diversidade cultural, à percepção da realidade em suas expressões. Trata-se de um saber não proposicional, cuja validade não se funda na demonstração lógica nem na verificação empírica, mas na capacidade de produzir sentido, reconhecimento e afetação. No campo da Avaliação educacional e institucional, o saber estético manifesta-se, por exemplo, na apreciação qualitativa de práticas pedagógicas e organizacionais, na análise de processos formativos e na consideração das dimensões subjetivas e simbólicas da experiência educativa e institucional. Embora

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

frequentemente marginalizado pelos modelos tecnicistas, esse saber é fundamental para evitar avaliações redutoras e desumanizadas.

O saber científico caracteriza-se pela sistematicidade, pela construção conceitual, pela explicitação metodológica e pela possibilidade de crítica e refutação. Sua legitimidade repousa na coerência interna, na argumentação racional e no confronto com a realidade empírica. No âmbito da Avaliação, o saber científico fornece referenciais analíticos indispensáveis para a produção de diagnósticos, explicações e interpretações fundamentadas. Contudo, não esgota o ato avaliativo, uma vez que a avaliação envolve necessariamente juízos de valor, decisões normativas e implicações políticas que extrapolam o domínio estrito da explicação científica.

O saber técnico orienta-se pela operacionalização eficiente de procedimentos, normas e instrumentos. Na Avaliação, a tecnia expressa-se no uso de indicadores, escalas, métricas, protocolos e sistemas informatizados. Embora indispensável à viabilidade prática dos processos avaliativos, o saber técnico torna-se problemático quando se autonomiza e passa a substituir a reflexão epistemológica e ética. A redução da avaliação à aplicação de instrumentos é uma das manifestações mais recorrentes desse desvio tecnicista.

O saber filosófico distingue-se por sua função crítica e reflexiva. Interroga os fundamentos, os pressupostos e os sentidos do conhecimento e da ação humana. A Epistemologia da Avaliação insere-se nesse horizonte, ao problematizar o significado do ato de avaliar, os critérios de validade dos juízos avaliativos e as concepções de sujeito, objeto e valor que sustentam as práticas avaliativas. Sem essa dimensão filosófica, a Avaliação corre o risco de naturalizar escolhas e ocultar seus fundamentos axiológicos.

O saber teológico ou mitológico, historicamente anterior ao saber científico moderno, fundamenta-se na tradição, na autoridade simbólica, nos diversos modos de fé e na transcendência. Ainda que a modernidade tenha promovido sua separação em relação à ciência, elementos desse saber persistem em práticas avaliativas normativas e ritualizadas, especialmente quando critérios são

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

apresentados como verdades absolutas, imunes à crítica e à contextualização histórica.

O saber populético ou habituético emerge da experiência cotidiana, dos costumes e das práticas sociais reiteradas. Trata-se de um saber tácito, prático e contextual, frequentemente desvalorizado pela ciência formal, mas essencial para a compreensão dos contextos avaliados. Ignorar esse saber implica produzir avaliações descoladas da realidade vivida pelos sujeitos e pouco sensíveis às dinâmicas locais.

O saber político, por sua vez, está intrinsecamente relacionado às relações de poder, às disputas por legitimidade e à tomada de decisões coletivas. Toda avaliação é atravessada por interesses de dominação ou de resistência, intencionalidades e efeitos políticos, seja na definição de critérios, na seleção de indicadores ou no uso dos resultados. Reconhecer o caráter político da avaliação é condição necessária para superar a ilusão da neutralidade técnica.

É nesse entrecruzamento de saberes que também se constitui e se apodera o saber avaliativo. Este não se confunde com nenhuma das modalidades isoladamente, mas emerge como um saber híbrido, relacional e reflexivo. O saber avaliativo articula ciência, técnica, filosofia, política e experiência, exigindo do avaliador vigilância epistemológica, competência metodológica e responsabilidade ética. Sua especificidade reside na capacidade de produzir juízos fundamentados a partir da integração entre saber e valor, contextualizados e socialmente relevantes, reconhecendo a complexidade dos fenômenos avaliados e a provisoriedade dos resultados produzidos.

O saber avaliativo inventa avaliações que podem tomar como referencial criteriológico algo endógeno ao objeto ou algo exógeno à coisa ou processo em avaliação.

5 DIVERSIDADE DE EPISTEMOLOGIAS NA AVALIAÇÃO

A constituição de um saber avaliativo ocorre no interior de um campo epistemologicamente plural, marcado por disputas teóricas, metodológicas e

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

axiológicas. Logo, o saber avaliativo é um saber síntese, é o ato ou processo humano de atribuir valor para aprimorar ou transformar o objeto e o próprio sujeito.

O pensamento avaliativo (em inglês, *evaluative thinking*) é um processo cognitivo e uma postura crítica aplicados ao cotidiano de projetos, organizações ou políticas, focado na busca constante por evidências, reflexão crítica e aprendizado para tomada de decisão. Não se trata apenas da aplicação formal de um método de Avaliação (como relatórios finais), mas sim de uma "mente avaliativa" que questiona premissas, analisa dados, reflete sobre práticas e busca compreender os resultados e impactos, mesmo antes de uma avaliação formal ser planejada.

Dentre as principais características do pensamento avaliativo, destacam-se: (1) o questionamento crítico: perguntar “como sabemos o que pensamos que sabemos?”; (2) a abertura e curiosidade: disposição para testar a realidade e analisar diferentes perspectivas; e (3) o uso de evidências: basear julgamentos de mérito e valor em dados concretos.

Patton (2005; 2008) define o pensamento avaliativo como uma mentalidade analítica que permeia todas as atividades, envolvendo a vontade de realizar “testes de realidade” e a aplicação de processos disciplinados de investigação para questionar como se sabe o que se sabe.

Abma (2026) aborda o pensamento avaliativo como uma prática colaborativa e social, destacando o papel da reflexão conjunta (stakeholders e equipe) para construir o entendimento de um problema e decidir os rumos de um projeto, promovendo a capacidade avaliativa.

Davidson, How e Scriven (2004), por sua vez, descrevem o pensamento avaliativo como uma combinação de compromisso e expertise, estruturada através do "know-how" (saber-fazer) avaliativo e de uma atitude avaliativa. Ela foca na capacidade de fazer julgamentos de valor fundamentados e transparentes.

As epistemologias da Avaliação não devem ser compreendidas como correntes estanques ou meras escolas de pensamento, mas como matrizes interpretativas que orientam diferentes modos de conceber a realidade, o conhecimento, o pensamento e o ato de avaliar.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

Quadro 2 – Algumas Epistemologias da Avaliação

1. **Idealismo**	20. **Criticismo**
2. **Realismo**	21. **Neo-criticismo**
3. **Escolástica**	22. **Pós-estruturalismo**
4. **Racionalismo**	23. **Neo-estruturalismo**
5. **Empirismo**	24. **Neopositivismo**
6. **Positivismo**	25. **Dialética**
7. **Pragmatismo**	26. **Hermenêutica**
8. **Interpretacionismo**	27. **Funcionalismo**
9. **Estruturalismo**	28. **Organicismo**
10. **Sistemismo**	29. **Fenomenologia**
11. **Behaviorismo**	30. **Construtivismo**
12. **Pluralismo**	31. **Utilitarismo**
13. **Institucionalismo**	32. **Interacionismo**
14. **Igualitarismo**	33. **Historicismo**
15. **Relativismo**	34. **Complexidade**
16. **Materialismo**	35. **Cognitivismo**
17. **Existencialismo**	36. **Humanismo**
18. **Pós-modernismo**	37. **Comportamentalismo**
19. **Psicologismo**	38. **Neopragmatismo [...]**

Fonte: Do Autor (2026).

Exercitando-se algumas aproximações entre algumas das epistemologias do Quadro 2 anterior, vê-se que as epistemologias de matriz idealista, racionalista e escolástica concebem a Avaliação como aproximação de modelos normativos ou ideais previamente estabelecidos. Nessa perspectiva, avaliar consiste em verificar o grau de conformidade da realidade a princípios considerados universais. Embora ofereçam referenciais normativos importantes, tais abordagens tendem a desconsiderar a historicidade e a contextualização dos fenômenos avaliados.

As epistemologias empiristas, positivistas e neopositivistas enfatizam a observação, a mensuração e a objetividade. A Avaliação é concebida como procedimento técnico de coleta e análise de dados, orientado por indicadores e métricas. Suas contribuições residem na sistematização e na comparabilidade dos resultados, mas seus limites tornam-se evidentes quando a complexidade dos fenômenos educacionais é reduzida a variáveis quantificáveis.

As epistemologias pragmatistas, utilitaristas e neopragmatistas deslocam o foco da verdade para a utilidade e para os efeitos da Avaliação. Avaliar, nesse horizonte, significa produzir informações relevantes para a tomada de decisão. Embora valorizem a aplicabilidade social da Avaliação, essas abordagens podem

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

incorrer em instrumentalismo, subordinando o conhecimento avaliativo a interesses imediatos.

As epistemologias interpretacionistas, fenomenológicas e hermenêuticas concebem a Avaliação como processo de compreensão de sentidos (Parente; Lima, 2016). O conhecimento avaliativo emerge da interação entre avaliador e avaliados, reconhecendo a subjetividade, a linguagem e o contexto. Suas contribuições são decisivas para a avaliação qualitativa, mas exigem rigor teórico para evitar relativismos acríticos.

As epistemologias críticas, dialéticas, materialistas e historicistas compreendem a avaliação como prática social inserida em relações de poder. Avaliar implica desvelar contradições, desigualdades e processos de dominação. Essas abordagens ampliam o alcance político da avaliação, mas enfrentam o desafio de articular crítica social e operacionalidade metodológica.

As epistemologias estruturalistas, pós-estruturalistas e neoestruturalistas enfatizam os sistemas simbólicos, as estruturas discursivas e as relações de significação que atravessam as práticas avaliativas. A Avaliação é compreendida como produção discursiva que constrói realidades e subjetividades. Sua principal contribuição reside na problematização da neutralidade e da transparência do discurso avaliativo.

As epistemologias da complexidade, do sistemismo e do interacionismo propõem superar dicotomias clássicas, reconhecendo a interdependência entre elementos, níveis e contextos. A Avaliação passa a ser concebida como processo não linear, adaptativo e contextualizado, exigindo modelos flexíveis e integradores.

Nesse conjunto heterogêneo de matrizes epistemológicas, o saber avaliativo constitui-se como campo tensionado, no qual nenhuma epistemologia, isoladamente, é capaz de dar conta da totalidade do fenômeno avaliativo. A especificidade do saber avaliativo reside justamente na articulação crítica entre diferentes epistemologias, mediada por vigilância epistemológica, clareza metodológica e compromisso ético-político.

Assim, a Avaliação afirma-se como um saber plural, histórico e reflexivo, cuja legitimidade não decorre da adesão a um paradigma único, mas da capacidade de

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

explicitar seus fundamentos, reconhecer seus limites e produzir conhecimento socialmente relevante.

O paradigma do Avaliacionismo, porém ainda impera fortalecido na Epistemologia da Avaliação a partir da Modernidade. Uma possível saída ao "cadeado ou trava kantiana" na Avaliação pode ser empreendida com o pós-Avaliacionismo, promovendo transformações no campo da Avaliação, tomando por base um outro conceito de vida imanente, a partir da Filosofia da diferença e em uma irruptiva proposta de Ontologia da Avaliação, ancorada em pensadores como Baruch de Spinoza (1632-1677), Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), Michel Foucault (1926-1984) e Gilles Deleuze (1925-1995).

CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES

Este artigo teve como propósito central analisar criticamente a multiplicidade de epistemologias que constituem o campo da Avaliação educacional, institucional, de programas e de políticas públicas, partindo do pressuposto de que a Avaliação se configura como um saber específico, historicamente situado e epistemologicamente plural. A questão norteadora - como tratar a multiplicidade de epistemologias no campo da Avaliação em diferentes modos e estratégias? - orientou uma reflexão que buscou superar tanto abordagens reducionistas quanto ecletismos acríticos.

Ao longo do texto, evidenciou-se que a Avaliação não pode ser compreendida como mera técnica, instrumento ou procedimento metodológico. Trata-se de um ato de conhecimento e de valoração baseada em saberes diversos, atravessado por diferentes concepções de ciência, realidade, sujeito, objeto e finalidade social. A análise da trajetória histórica do método científico e das epistemologias contemporâneas demonstrou que o conhecimento não avança por acumulação linear, mas por rupturas, descontinuidades, revisões e retificações, conforme enfatizado pela Epistemologia histórica de Gaston Bachelard.

A tipologia dos saberes permitiu situar o saber avaliativo como um saber relacional e híbrido, que articula dimensões científicas, técnicas, filosóficas, políticas e experienciais. Essa articulação exige do avaliador não apenas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

competência metodológica, mas também vigilância epistemológica permanente e responsabilidade ética, sobretudo diante dos efeitos sociais e institucionais produzidos pelos processos avaliativos.

A especificação das diferentes epistemologias da Avaliação evidenciou que nenhuma matriz epistemológica, isoladamente, é capaz de responder à complexidade dos fenômenos educacionais e sociais. Epistemologias racionalistas, empiristas, pragmatistas, interpretativas, críticas, estruturalistas e complexas oferecem contribuições relevantes, mas também apresentam limites quando absolutizadas. O saber avaliativo afirma-se, assim, como um campo tensionado, no qual a pluralidade epistemológica não deve ser eliminada, mas criticamente articulada.

As epistemologias da Avaliação educacional e institucional no Brasil e no mundo deve, portanto, assumir-se como um campo das ciências do impreciso, guiada pela ética, pela sensibilidade estética e pelo compromisso político com o desenvolvimento humano e ambiental.

Conclui-se que tratar a multiplicidade de epistemologias no campo da Avaliação implica reconhecer a Avaliação como prática científica, política e ética, recusando tanto o dogmatismo metodológico quanto o relativismo epistemológico.

A consolidação de um saber avaliativo crítico requer explicitação de pressupostos, coerência entre fundamentos e práticas, abertura à complexidade e compromisso com a produção de conhecimento socialmente relevante. Nesse sentido, a Epistemologia da Avaliação não se apresenta como um campo fechado, mas como um espaço permanente de problematização, reflexão e reconstrução teórica, morfológica, técnica e ontológica.

REFERÊNCIAS

ABMA, Tineke A. *Evaluative Thinking for Impactful Research and Scholarship. In:* ***Evaluative Thinking for impactful research and scholarship***, 2024. Disponível em: <https://shailey-minocha.squarespace.com/blog/2024/3/29/evaluative-thinking-for-impactful-research-and-scholarship>. Acesso em: 29 jan. 2026.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os polos da prática metodológica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CORAÇÃO AFRICANO: África é Cultura, África é Ciência, África é Espiritualidade. 13 de maio de 2014. **Arte Angolana:** Pensador. Disponível em: <https://coracaoafricano2532014.wordpress.com/2014/05/13/arte-angolana-pensador/>. Acesso em: 2 de fevereiro, 2026.

DAVIDSON, E. Jane; HOWE, N.; SCRIVEN, Michael. *A system for building evaluation capacity. In:* ***American Evaluation Association Annual Conference***, Atlanta, 2004.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução Fernando Melro. Portugal: Publicações Europa-América, 1977. 120 p. (Coleção livros de bolso Europa-América). Título original: Discours de la méthode.

ESCULTURA FAMOSA EN MÁRMOL DEL PENSADOR DE RODIN. Made in China. Connecting Buyers with Chinese Suppliers. 2026. Disponível em: <https://es.made-in-china.com/co_aongking/product_Rodin-Famous-Artwork-Marble-Thinker-Statue_uosuiuuhhy.html>. Acesso em: 2 de fevereiro, 2026.

GUBA, Egon G.; LINCOLN, Yvonna S. ***Fourth generation evaluation***. Newbury Park: Sage, 1989.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LIMA FILHO, Gilvan Dias de; TROMPIERI FILHO, Nicolino. **As cinco gerações da avaliação educacional**: características e práticas educativas. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, v. 1, n. 11, p. 1-21, 10 jul. 2013. Disponível em:

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

<https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/trabalho04.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2026.

LIMA, Marcos Antonio Martins. **Autoavaliação e desenvolvimento institucional na educação superior**: projeto aplicado em cursos de administração. Fortaleza: Edições UFC, 2008. 626p.

LIMA, Marcos Antonio Martins. **O Caminho de Ida e Volta no Método Marxiano**. *Revista Contextus*, v. 4, 2006.

LIMA, Marcos Antonio Martins; FERNANDES, Joana Darc Páscoa Bezerra. ***Research Model Canvas***: aplicação em planejamento de pesquisas acadêmicas. REVISTA ARACÊ, São José dos Pinhais, v.6, n.3, p.4.744-4.764, 2024.

LIMA, Marcos Antonio Martins. Pantometria, psicometria, docimologia e avaliação científica: uma trajetória histórica para avaliação educacional até a Era Contemporânea. Pp. 83-100. In: LIMA, Marcos Antonio Martins; MARINELLI, Marcos (Orgs.). **Epistemologias e metodologias para avaliação educacional**: múltiplas visões e abordagens. Fortaleza: Edições UFC, 2010. 252p.

LIMA, Marcos Antonio Martins; OLIVEIRA, José Valmir Guimarães de; SOUZA, Jacqueline Ramos M. A. de (Orgs.). **Epistemologias e avaliação de programas**: projetos & pesquisas. Fortaleza: Imprece, 2021. 306p.

LIMA, Marcos Antonio Martins; PARENTE, Francisco de Assis Camelo (Orgs.). **Epistemologias da avaliação**: métodos e técnicas para aplicação. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2016. 408p.

LIMA, Marcos Antonio Martins; SOUSA, Ana Cléa Gomes de (Orgs.). **Epistemologias para a avaliação educacional**: fundamentos e aplicações. Curitiba: Edições CVR, 2009. 172p.

PATTON, Michael Quinn. *Evaluation, Evaluative Thinking, and Evaluation Capacity Building*. ***Journal of MultiDisciplinary Evaluation***, v. 2, n. 4, p. 1-13, 2005.

PATTON, Michael Quinn. ***Utilization-focused evaluation***. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2008.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/01/2026 - **Accepted:** 07/02/2026
Vol: 02.02
DOI: 10.61164/fchqy492
Pages: 1-28

SCRIVEN, Michael. ***Evaluation thesaurus***. 4. ed. Newbury Park: Sage, 1991.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Avaliação educacional**: fundamentos, problemas e perspectivas. Brasília: Plano, 2000.